

História

Eu sou marítimo, entende?

História de: [Márcio Ernesto](#)

Autor: [Ana Paula](#)

Publicado em: 15/12/2021

Sinopse

O catarinense Márcio Ernesto compartilha sua formação como marinheiro, depois narra suas experiências como funcionário da Petrobras, tendo atuado no almoxarifado, e também como timoneiro quando presenciou de incêndio a guerra. Também relata as diferenças entre trabalhar embarcado e em terra.

Tags

- [Bacia de Campos](#); [Petrobras](#); [incêndio](#); [petroleiro](#); [navio](#); [Guerra do Golfo](#); [comandante](#); [tripulação](#)

História completa

Projeto Memória dos trabalhadores da Bacia de Campos Realização Instituto Museu da Pessoa Entrevista de Márcio Ernesto Entrevistado por Larissa Rangel Macaé, 04/06/2008 Código: CB_MBAC_030 Transcrito por Luísa Lima Revisado por Marina Tunes P/1 – Vamos começar a entrevista, primeiro, falando o seu nome completo, data de nascimento, local. R – É, o meu nome completo é Márcio Ernesto. Nasci em 15 de janeiro de 1963, em Tubarão, Santa Catarina. Sou Barriga-verde. P/1 – Santa Catarina... E veio pra Macaé por causa da Petrobras? R – Não, porque eu fui anteriormente militar, né? Fui da Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina. E de lá... Passei um ano e quatro meses na escolinha pra me tornar marinheiro. Militar. Aí vim para o Rio em dezembro de 1981. Dezembro, dia 13, Dia do Marinheiro. Cheguei no Rio dia 14. Fiquei na Marinha durante 6 anos e alguns meses. Aí, dei baixa em 1987. Depois eu entrei na empresa, em 1989. Fiz aquele cursinho, Ciaga [Centro de Instrução Almirante Graça Aranha], aquele cursinho de uma semana, entende? Já que era militar. Ex-militar tinha aquela chance ainda naquela época. Aí, fiz o cursinho lá, fiz a prova, passei. Fiz a inscrição na antiga Fronape [Frota Nacional de Petroleiros], que hoje é Transpetro [Petrobras Transporte S.A]. Aí fiz lá e aguardei chamada. Sendo... digo assim, trabalhando como contratado num setor da Fronape nesse período. Até aparecer a chamada em dezembro de 1998... Aliás, não, 1988. P/1 – Então o senhor entrou na Petrobras em 1986? R – Não, entrei, foi 13 de janeiro de 1989. P/1 – 1989? R – Em 1988 que eu fui chamado, em dezembro. Um equívoco. P/1 – E qual é a sua formação? R – É, eu tenho o ensino médio apenas. P/1 – Mas e o seu ensino médio, você fez... E é técnico... E você trabalha... R – Não, não sou técnico. P/1 – Ah, então você trabalha na... Qual é a sua atuação dentro da Petrobras? R – Eu sou marítimo. Pertencço a _____ do Rio, abastecimento. Sendo que... devido... Passei 14 anos embarcado, devido ao desgaste físico. Tive problema de artrose lombar, coluna. Desembarquei em São Luís do Maranhão, em 2002. Aí, minha vida mudou porque só sabia navio, não é? Aí a empresa me chamou para o grupo resgate, lá no EDIHB [Edifício General Horta Barbosa], Maracanã. Estando lá, tudo... Digo assim, que geralmente, indo lá, tal, aquele acompanhamento psicológico, conversando com o pessoal, aguardando, assim, uma vaga, um espaço em algum lugar. E lá, entende, conheci muitas, assim, psicólogas, assistentes sociais também, entendeu? E, no caso, conheci Silma Gonçalves Tatagiba, que na época ainda era uma assistente social. E na época ela falou "Seu Márcio, eu vou pra Macaé. Você mora em São Pedro da Aldeia, que é próximo, uma hora e meia, né? Você... quando eu estiver lá, você procure saber, entende, me procure lá." Eu procurei ela, entendeu, ela tava já como gerente, né? Ela falou "Ó, é o seguinte: você sabe o que fazer?" Eu digo: "Eu não entendo nada, só apenas de navio, né?" "Então faça uns cursos básicos de informática, certo? Que a gente vai procurar um espaço pro senhor." Eu falei: "Tá legal. Tá bom, agradeço." Aí fiz os cursos básicos por conta própria, tá certo? E me apresentei a ela. Aí ela falou "Ó, você vai trabalhar então no almoxarifado da empresa." Fica num portão aqui pra _____, né? Aí, trabalhei lá um período lá, entende? Depois acabou. Veio aqui pra dentro. Sempre em contato com ela. P/1 – Aqui na Bacia de Campos? R – É, Bacia de Campos. Sendo ela assim, eu reconheço ela como uma pessoa assim, minha madrinha no caso. Pessoa assim que me deu apoio, entendeu? P/1 – Qual é o nome dela? R – É Silma Gonçalves Tatagiba. Ela é gerente do (SPR?). No caso ela falou: "Então, o seguinte: você agora vai trabalhar comigo, no setor pessoal." Depois do almoxarifado, eu fui trabalhar com ela, fiquei na parte da secretária. Agora eu me encontro na parte de benefícios educacionais, entendeu? P/1 – Hoje é a sua atividade? R – É, a minha atividade é essa. P/1 – E como foi a sua experiência trabalhando embarcado nos navios? R – Ah, foi, digo, bem no começo, todo começo da vida, entende? Eu tô, atualmente, com 45 anos. No começo... Eu entrei na empresa com 26. No começo tudo é uma aventura. Tudo é legal, é curtido, você chega num país... Eram seis meses embarcado e dois em casa. Quer dizer, no começo, claro, já casado, família, minha esposa tendo um menino novo já de meses. Aí, pra mim foi assim um sofrimento, porque era tudo novo. Conhecendo navios, como faz aquilo, aprendendo. E eu fui justamente embarcar num navio químico. Que, na época, era uma mina de ouro pra a empresa. Porque tinha um contrato com a Navy-Marine americana, e eram só produtos químicos. Equivalente assim a uma _____ e uma _____, entende? No caso, pra mim foi um aprendizado, foi importante, porque ali, eu comeci a conhecer, assim, o

mundo, e também, digo assim, uma afirmação, as pessoas em si. Cada qual com seu nível, entendeu? E, graças a Deus, eu sempre me dei bem, dentro da minha humildade e educação. Tentando compreender, entendeu? P/1 – E dentro dessa experiência de vida, o que mais te marcou nesses anos que você viveu dentro dos navios? R – O que marcou mais foi... Eu lembro, entende? Há muita coisa, é lógico. Foi na Guerra do Golfo em 1990. Que nós entramos no Golfo do Pérsico, já estando, já no início ali, também um navio, o Morretes. Super tanques, né? É, o navio que eu estava era o Cairu, Visconde Cairu, que, atualmente, ele é (cisterna?) aqui da Baía de Campos. E, estando lá, entendeu, é... O comandante perguntou a nós o seguinte: "Vocês querem entrar?", o comandante do Cairu. Nós: "É, não tem problema, a gente tá aqui guarnecido com a marinha britânica inglesa", tava com os franceses, a italiana, tudo, fragatas, helicópteros, tá entendendo? Tava um florido, né? Aí, eu não vejo dificuldade da minha parte. "Não, tudo bem e tal", o pessoal todo aceitou. Agora o do Morretes, que era o comandante na época, noutro navio, ele não aceitou, não quis entrar. Até, na época, o Comandante Menezes, ele falou assim, numa brincadeira no rádio: "Ó, se você quiser eu vou lá dentro, pego a sua carga, levo pro Brasil e retorno pra pegar a minha", quer dizer, uma brincadeira, né [risos]? Aí, nós fomos até lá dentro, Irã. Fomos lá dentro, passamos assim... Se eu tenho lembrança de uma coisa, sei lá, é uma situação um tanto, eu digo, dá até medo. Porque houve uma guerra de 9 anos, entre os dois países, Irã e Iraque. Nós passamos pela plataforma, várias plataformas, todas retorcidas... Tipo assim, um local fantasma, era uma situação muito assim... Digo, perigosa, né? E, na época, quando entrou lá, eu era o timoneiro, tava dirigindo o navio. Navio de 450 metros. Tava dirigindo ele, tal, aí passamos por ela, fomos lá dentro, pegamos a carga, e, voltamos pro Brasil. Era na época ainda do Collor, Collor de Melo, tal. Aí, aquela coisa toda, né? Aí ele mandou elogios, elogios pro pessoal: "Pô, o pessoal teve coragem. São heróis". E, na verdade, eu não vi a guerra. Vi apenas à noite, assisti os clarões, distante. O que marcou foi isso. Ah, e também outra parte, que eu lembro agora. É, durante uma noite, dentro do Golfo mesmo, aliás, antes de entrar, é... O comandante nos chamou, chamou os tripulantes pra fora porque existem peixes abissais, né? Que ficam bem abaixo do nível da água, eles têm uma luz própria, entende? E era noite muito escura. Aí, quer dizer, o navio ficou todo, assim, ao lado iluminado por esses peixes. Aquela luz assim, uma coisa totalmente fora do comum, não é? Pessoas tiraram fotos e tal. Que mais?... [risos] P/1 – E qual foi um momento difícil dentro da navegação? R – Do navio, da navegação, um momento difícil. Ó, digo o seguinte, é, na navegação, eu como timoneiro, na experiência, navegação difícil é Bahía Blanca. É um canal, assim, muito cheio de curvas. Nessa forma, entende? E... Digo também na situação de convivência a bordo, entende? Porque também é um tanto difícil. É, porque têm pessoas que se transformam durante... O navio tá no porto, aquela alegria, o pessoal que vai pra terra, vai se divertir e... Cada qual na sua. Com a sua consciência, é lógico. Aí, no caso, têm pessoas que quando retornam e o navio segue, elas simplesmente se transformam. Elas ficam assim na sua, não conversam mais. Quer dizer, eu no começo ainda de vida, eu comecei a perceber essa mudança, essa situação. Porque é um local confinado, com 25, 24 homens e eles, devido à distância da família, eles se tornam, assim, indiferentes, entendeu? Claro, o navio tem que manter o seu rumo, né? O seu cotidiano, o trabalho em si. Cada qual com a sua função. P/1 – E o seu maior desafio? R – Desafio. Eu acho que não tem um desafio. É porque foi um tanto difícil quando, assim, colocaram as mulheres pra trabalhar. Eu peguei essa parte ainda e muitas, eu tinha que ser... O linguajar do homem do mar, a bordo, mesmo sendo petroleiro da Petrobras, ele tem que ter um linguajar, mais bruto, entende? Pra que a coisa aconteça. E haja respeito, né, entendeu? E eu, na popa mesmo, às vezes, eu gritava com as moças, com as mulheres em si, as estagiárias e elas choravam. E depois eu me sentia com aquilo, e buscava elas depois pra conversar, dizia: "Ó, minha filha, é o seguinte: é uma situação que você tá instável, entende? E a vida aqui é assim, um tanto bruta e você tem que aprender, entende? Porque eu ainda venho falar contigo, explicar, dar a mão, perguntar quais são as dúvidas. Minha folga, pode perguntar que esse navio eu conheço. Agora tem pessoas que abusam, são grossas demais, não querem saber. Tem que acontecer. O navio tem que atracar, tem que operar, e não tem que haver falhas. Porque lá, a empresa, no chão, tá cobrando de você, do comandante e da tripulação toda. Quer dizer, foi pra mim um desafio mas, bem que o... Todo o dia lá, toda a, digo assim, a carga horária era um desafio. O tempo na África do Sul, o ciclone... Peguei um ciclone no Mar do Norte. Havia a parte de comunicação, que comunicou: "Haverá um ciclone a tal altura do Mar do Norte e tal". E, tem que desviar o navio, não é? A rota, entendeu? Aí, o comandante achou por bem se aproximar, mas não consultou a tripulação. Nós fomos próximos, acredito, uma faixa, mais ou menos de uns 500 metros, acredito eu. Porque eu vi tudinho. Uma coisa fora do comum, parecia que eram efeitos especiais [risos]. P/1 – Era um filme passando, não é? R – É, porque... O mar começa a formar e, de repente, ele vai sobe e some. Aí eu assisti fiquei assim meio... Digo, na linguagem mais vulgar, abestalhado, né? Fiquei olhando: "Pô, mas...", Olhei o tinã, uma coisa incrível. Eu achei realmente incrível... Agora, ali na parte da África do Sul, na Ponta do Cabo, o mar também bate muito. Bate muito, porque realmente ali o mar é "brabo", é "brabo". Muita tempestade. Peguei também um incêndio. Eram duas da manhã, mais ou menos. É nesse momento que você vê quem é quem. Porque no momento do simulado tudo tá acontecendo, é uma coisa que você sabe que não é real. Agora na hora que aconteceu realmente o incêndio foi na praça de máquinas. Aí me acordaram, tal, eu fui lá, vi as pessoas ainda apavoradas, no caso seria inflamável. Pessoas com mangueiras na mão. E a coisa é o abafamento, é o pó químico em si, entendeu? Quer dizer e você tem que tomar uma posição, até em cima de pessoas que são superiores a você... Porque eles se dizem o tal, no momento em que tá havendo o desenrolar do treinamento, né? Mas na hora do momento que tá acontecendo eles mudam. Você vê o medo, a vontade de fugir, mas tem que ter a pessoa pra combater aquilo porque a coisa tá crescendo. Eu, mais uns amigos meus, a gente foi lá, combateu, pegou o pó químico, a gente colocou lá, tal. Aí, sanou tudo, tal, entendeu? Claro que depois é conversado, certo? Aquilo que a gente vê na hora, durante a reunião os superiores dizem, que estavam lá, estavam em cima, estavam fazendo a coisa e tal. Mas, às vezes, eles fazem pra manter a postura, Acho que tô falando demais, hein? P/1 – Não! R – Entendeu? Mas é assim, entendeu, que acontece, né? P/1 – Mas, por passar por esses momentos difíceis, uns mais agradáveis, outros menos, é uma nova família que se forma ali? Se estende depois? R – Sim, sim, você consegue adquirir amizades grandes, como um irmão, porque você troca experiências, você troca ideias com pessoas, você conhece a vida, porque você passa ali seis meses. Você tá trabalhando com o cara, você tá vendo ele, o sofrimento, a barra dele, o telefone, entende? A mulher que ligou pelo celular na época, ou então pelo sistema de comunicação via satélite. Aí ele vem e divide contigo, porque ele não tem mais ninguém, né? É você, o amigo mais próximo que bota o ombro nele, ele chora, ele fala contigo. P/1 – E hoje o senhor está trabalhando em terra. R – E, hoje estou em terra. P/1 – E como é que é esse convívio? R – Pra mim foi uma mudança muito grande, porque até o meu psicológico, ele não aceitou, entendeu? Digo assim, no começo, porque eu comecei... No começo no almoxarifado eram só homens, né? Tinha um pessoal contratado, e o pessoal da empresa, que era eu e mais o supervisor. Quer dizer, havia algumas divergências... Não sei se eu vou saber definir, entende? Existe uma maior união, uma irmandade a bordo, não existe o crachá, entende? Agora, aqui em terra, eu posso até me prejudicar por isso, pela minha transparência. Mas, em terra existe a separação... Uma coisa que dizem que não existe ou não pode existir, entendeu? Eu, na minha formação, no mar com eles, tudo junto, pra mim é tudo igual, entendeu? Havendo a união, o respeito, aí, não há problema. P/1 – E pro senhor o que é ser petroleiro? R – Pra mim, ser petroleiro é ser uma pessoa assim, diferente, é lógico. Quer dizer, na minha situação, né? Porque eu me tornei, até me sinto, às vezes, antissocial... Não sei se sou, né? Foi pela vida que eu levei, e, sei lá, é um trabalho que você tem que dar o sangue. Você tem que fazer aquilo, em cima do navio, uma bomba em si, né, eu tinha que

fazer aquilo com exatidão, entendeu? Verificando a carga, a amarração do navio, auxiliando aquele que não sabia, vendo o erro, às vezes até do superior, chegando num canto, conversando com ele com humildade, educação: "Ó, tá acontecendo isso, isso, isso, entendeu? Isso não seria melhor assim, pra situação não acontecer isso, isso"... "Ó Márcio, valeu, você realmente...", entendeu? P/1 – E pra finalizar a entrevista, o que o senhor achou de ter participado desse projeto da memória dos trabalhadores? R – Eu achei muito importante. Porque isso, entende, porque eu tenho orgulho de ser da Petrobrás e de ter sido, ainda sou, marítimo, sem praticar mais, é lógico... É muito importante porque você expõe aquilo que você passou, que você viveu, e aquilo que você faz pela empresa, que você também tenta fazer. Porque, atualmente, eu me encontro, até em tratamento psicológico e também hipertenso, entende? Eu poderia tá em casa, mas eu não estou. Estou aqui porque eu sinto necessidade do trabalho e me sinto orgulhoso de levantar pela manhã, de pegar o ônibus e vir pro trabalho, entende? Com as pessoas que tão lá comigo, que: "Márcio, como é que é aquilo? Você já sabe daquilo, tal"... Tô lá no correio vendo, conversando, participando dessa coisa e tal. Claro que eu perdi muita coisa, digo assim, com o tempo, com a minha idade, aquele vigor que eu tinha, aqueles objetivos, aquelas coisas todas que você sonha, quer dizer, aquilo, com o tempo, você adquire metade, entendeu, aqueles que conseguem metade, né? E têm coisas que você deixa passar... Mas pra mim foi muito importante esse momento. Eu até agradeço por estar aqui, pra você, pela equipe... É... Ter me dado esse espaço, pra colocar pra fora, tipo assim, um desabafo, né, entendeu? De repente até pequei por falar coisas que eu não devia... Mas, aconteceu [risos]! Obrigado, então. P/1 – Obrigada o senhor. FIM DA ENTREVISTA